

Diário acadêmico: “O que a USP me ensinou ao me expulsar da universidade”

Por Jéssica de Abreu Trinca

Ingressei na Universidade de São Paulo no ano de 2009, no curso de letras. No mesmo ano, fui premiada com uma vaga no Conjunto Residencial da USP - CRUSP. Em 19 de dezembro de 2011, fui expulsa da universidade e, conseqüentemente, da vaga na moradia estudantil pelo atual Reitor, João Grandino Rodas.

A ideia fixa de estudar na USP surgiu quando assistia ao telejornal. A notícia tratava de estudantes rebeldes, que ocuparam a reitoria em protesto aos decretos do então governador do estado de São Paulo, José Serra. Não sabia que decretos eram esses, não sabia o que era exatamente a USP. Mas, a notícia de movimento estudantil, depois de tantos anos presentes apenas em histórias do passado, provocou em mim a curiosidade de saber mais desse lugar, de seus estudantes e dos decretos do governador. Em maio de 2007, a 621 km da capital, precisamente na cidade de Palmeira D'Oeste, aqueles estudantes provocaram em mim o desejo indiscreto do saber e, conquistaram não só uma aluna, com maior importância uma aliada ao seu conjunto e às suas reivindicações. Enxerguei neles a possibilidade real de proporcionar alterações concretas na sociedade que compoño, nos edifícios onde se professam as ciências e as letras; a autonomia para ter domínio, cultivar e debater, com meus colegas e mestres, o saber humano.

Embora não tenha concluído a graduação, posso dizer que aproveitei bem meus três anos de graduação. Lembro muito bem das aulas do professor Samuel Titan, na disciplina de Introdução aos Estudos Literários II. Analisamos

Kafka. Serviu muito, não apenas para analisar romances, como para entender a minha nova vida como estudante da USP e moradora de seu conjunto residencial.

Em 2009, na gestão da ex-reitora, Suely Vilella, tive o desprazer de presenciar o ataque da PM contra uma manifestação de estudantes que discordavam de sua presença dentro do campus, na rua da faculdade de história e geografia. Nas salas da assistência social, enfrentava “entrevistas” com assistentes sociais para o processo seletivo para a vaga no CRUSP. Não bastava entregar documentos que atestassem minha situação socioeconômica, era importante para a Coordenadoria de Assistência Social (COSEAS)* saber minha opinião sobre greves. Pois, essa foi uma das perguntas direcionadas a mim durante uma, das muitas entrevistas realizadas sob a justificativa de que através delas as assistentes sociais obteriam um parecer técnico. Não entendo do estatuto de assistência social, entretanto, como leiga tenho de questionar o que minhas opiniões têm haver com o meu direito à moradia na universidade. No final desse ano, tive outro desprazer: ver colegas, que comigo dividiram o alojamento provisório, chorando porque não foram contempladas com a vaga, tão essencial para a conclusão de suas graduações. Nenhum colega desistiu de seu curso; ao contrário, muitos passam a ser perseguidos pelo órgão que lhes deveria prestar assistência. Alunos que haviam conseguido sua vaga se solidarizavam com os menos afortunados. Uma ironia, porque a Coordenadoria de Assistência Social não presta um parecer ao aluno sobre o processo de seleção ao qual se submeteu ou, uma classificação clara entre os pretendentes a vaga ou mesmo uma razão socioeconômica, já que esta foi comprovada por documentos apresentados pelo estudante. O mais afortunado é o mais miserável? Não, o parecer técnico das assistentes sociais subtraem “pontos” obtidos no questionário socioeconômico.

O CRUSP está sob vigilância 24 horas por dia, há funcionários contratados exclusivamente para executar esta função, para formular relatórios sobre a vida pessoal e política dos estudantes sob ordens da COSEAS. Por meio desses relatórios, a coordenadoria tem o controle de quem são os alunos

clandestinos e/ou militantes. A partir daí inicia-se o processo de perseguição, que vai de cartas de despejo com prazos absurdos para deixar o apartamento, (três dias); até processos administrativos contra moradores que reivindicam um projeto concreto de permanência estudantil na USP. São também punidos os contrários às práticas abusivas do Serviço de Assistência Social como violação de privacidade, punições incidentes sobre participação política na universidade, elaboração de relatórios de controle frequência de visitas aos apartamentos dos alunos e ao programa obscuro de tratamento psiquiátrico.

Em 18 de março de 2010, ergui meu braço em uma assembleia a favor da retomada de um espaço de moradia invadido pelo Departamento de Promoção Social, térreo do bloco G do CRUSP, defendendo uma pauta com dois eixos principais: expansão de vagas na moradia estudantil e fim do sistema de vigilância. Fui vigiada, processada e expulsa. Como me lembro das aulas em que analisamos Franz Kafka! É impressionante como este autor alcançou o feito de conseguir descrever o poder em sua forma de disciplina e vigilância. Comparo com minha realidade e percebo como Rodas implantou a punição exemplar burocratizada e quase anônima, não fosse a USP a USP, nos moldes da literatura imaginativa de Kafka. Este cenário atual da universidade serviria de inspiração rançosa ao autor. Estamos vivendo a barbárie moderna que Franz Kafka nos anunciou no início do século passado. Quem acusa, julga e condena. Rodas executa uma gestão burocrática, administrativa, eficaz, planificada, "racional", em termos instrumentais, de molestar os que protestam. Iguala-se a máquina punidora de uma novela kafkiana em sua visão "a culpabilidade não deve jamais ser colocada em dúvida!". E ao unir política e polícia instaura a barbárie, não respeitando a ética da universidade, utilizando-se da violência e da força de repressão do Estado, exclusivamente para atender os seus interesses. A democracia contemporânea que o governador Geraldo Alckmin quis ensinar a nós, alunos presos por 400 homens do Grupo de Operações Especiais (GOE) na desocupação da reitoria em 08 de novembro de 2011, se assemelha à prática de Estados Totalitários ao naturalizar a violência e autorizá-la quando solicitada contra aqueles vistos como inimigos da ordem vigente.

Usa-se da violência como técnica para conter o mal estar provocado por opositores, ou na leitura do atual governador de São Paulo e do Reitor da USP, aqueles que contrariam a opinião da maioria (subversivos) e mercenários.

A universidade pública, autônoma e intrínseca ao pensamento livre não suportará uma imposição tão contrária a sua própria essência. É seu dever colocar ao alcance de toda a sociedade o acesso máximo ao saber. Pois, a educação (e o conhecimento) não se reduz a uma mercadoria, mas é um bem público, coletivo, que não se desgasta, não se decompõe, ao contrário, cresce e multiplica-se, constitui-se parte essencial do humano, é o que nos proporciona verdadeira cidadania. Com certeza, não permitir a transformação do conhecimento em commodity é não permitir a dilatação de uma sociedade excludente, individualista, desigual e atrasada.

Em *Colônia Penal*, novela de Franz Kafka, o condenado era executado por uma máquina de tortura que escreve lentamente sobre seu corpo com agulhas que o atravessam a frase "Honra teus superiores": algo bem semelhante ao que acontece hoje na universidade mais importante da América Latina. Não, não honramos! Não acreditamos em superiores, não permitimos a tirania. FORA PM, FIM DOS PROCESSOS, FORA RODAS!